

O discurso fundamentalista cristão no Governo Bolsonaro: uma análise de enunciados do Twitter

The Christian fundamentalism in Bolsonaro government: an analysis of Twitter utterances

COSTA, SANDSON DE SOUZA
sandson314@gmail.com

Mestre em Ciências da Linguagem
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

SILVA, FRANCISCO VIEIRA DA
francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Doutor em Linguística
Universidade do Federal Rural do Simi-árido, Brasil

PALAVRAS-CHAVE:
Fundamentalismo religioso;
Discurso político;
Regimes de verdade;
Ressentimento; Democracia.

RESUMO: Este artigo examina a atualidade das práticas discursivas que articulam o religioso ao político com o objetivo de analisar as condições de possibilidade de emergência do discurso fundamentalista cristão no Governo Bolsonaro materializado no *Twitter*, no período de 2018 a 2022. Para tanto, teórica e metodologicamente, mobilizaremos uma arqueogenealogia das relações de saber e poder que inscrevem essas discursividades no interior de confrontos sociais, sob a ótica dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Recortamos do nosso arquivo para composição do *corpus* de análise seis enunciados veiculados por bolsonaristas que circularam na plataforma *Twitter* em 2018-2022. Como problemática relevante, o bolsonarismo se constitui, estrategicamente, manifestando formas de racionalidade e correlações de força que atravessam a esfera política com a crença em valores morais absolutos. Na economia desses discursos, emergem práticas fundamentalistas que tornam visíveis uma vontade de verdade alicerçada na universalidade dos saberes produzidos no exercício do poder, ameaçando a experiência democrática no Brasil. Dialogamos com as teses de Nietzsche (2009) e Sloterdijk (2019), mobilizando categorias como regimes de verdade, ressentimento e ideal ascético.

KEY-WORDS:
Religious fundamentalism;
Political discourse;
Truth regimes;
Resentment; Democracy.

ABSTRACT: This article examines the current discursive practices that articulate the religious with the political with the objective of analyzing the conditions of possibility of emergence of the Christian fundamentalist discourse in the Bolsonaro Government materialized on *Twitter*, in the period from 2018 to 2022. methodologically, we will mobilize an archeogenealogy of the relations of knowledge and power that inscribe these discursivities within social confrontations, from the

perspective of Foucauldian Discursive Studies. We cut out from our archive to compose the corpus of analysis six utterances conveyed by Bolsonarists that circulated on the Twitter platform in 2018-2022. As a relevant issue, Bolsonarism strategically constitutes itself, manifesting forms of rationality and power correlations that cross the political sphere with the belief in absolute moral values. In the economy of these discourses, fundamentalist practices emerge that make visible a will to truth based on the universality of knowledge produced in the exercise of power, threatening the democratic experience in Brazil. We dialogue with the theses of Nietzsche (2009) and Sloterdijk (2019), mobilizing categories such as regimes of truth, resentment and ascetic ideal.

1. INTRODUÇÃO

Uma das emergências mais preocupantes no século XX é o advento da devoção militante no interior das grandes tradições religiosas (Armstrong, 2001). Esse movimento ficou conhecido, popularmente, como *fundamentalismo*. As manifestações de fé religiosa em práticas radicais no âmbito social e político assustam e chamam a atenção para um estado de preocupação nas implicações do exercício democrático da atualidade. No desenvolvimento da modernidade¹, a sociedade tem que lidar com os valores e tradições religiosas que construíram o alicerce moral no Ocidente. Para Sloterdijk (2019), Deus é a maior fonte de seguro da humanidade e o secularismo provoca pressão no exercício de poder hegemônico religioso, que por sua vez, perde espaço na globalização. Estes enfrentamentos deslocam paradoxos com consequências destrutivas e o fundamentalismo é um dos seus efeitos mais agravantes.

Na conjuntura política brasileira, a presença do discurso religioso manifesta demasiada recorrência a práticas fundamentalistas por parte da extrema direita, atingindo seu ápice com o bolsonarismo. O apelo ao discurso religioso na esfera política ganha força nas últimas décadas e ocupa espaços expressivos (Burity, 2018), como é o caso da Frente Parlamentar Evangélica que hoje conta com um número mais alto de representantes do que em qualquer outra época². Com o surgimento de Bolsonaro como candidato a Presidente da República nas eleições de 2018, a extrema direita enxerga a possibilidade de expandir o exercício de poder aos moldes pastorais de governo, tomando um contexto crítico e de crises diversas como palco propício para eleger seu representante.

Numa articulação de racionalidades conservadoras, coadunando com o neoliberalismo junto ao discurso religioso, a campanha articulou esses três vetores e criou uma atmosfera de campo de batalha entre os valores cristãos de direita e da esquerda, dos governos anteriores.

1. Entendemos a *modernidade* a partir da tese foucaultiana de que no fim do século XVIII, perdemos a ilusão do fundamento absoluto do conhecimento: a emergência do Iluminismo.

2. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

São discursos que ressoam nas atitudes políticas que visam produzir uma noção radical e universalista acerca do que se concebe por “bom” ou “ruim” para o funcionamento das instituições públicas e, da mesma forma, para designar as condutas aceitáveis ou não, através de uma *vontade de verdade* baseada na moral e doutrina fundamentalista. Isto, considerando que, para Santos (2014), os fundamentalismos são teologias de acordo com as quais a revelação é concebida como princípio estruturante de organização da sociedade em todas as suas variadas dimensões. A revelação da verdade está ligada a uma forma de escrituralismo, o que implica dizer que a organização da sociedade e da política deve seguir a interpretação literal dos textos. Esse contexto, por exemplo, dá condições de possibilidade de aparição ao slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que demarcam os posicionamentos políticos e valores defendidos na empreitada bolsonarista.

Dentre as pautas mais debatidas por essa relação discursiva estão a moral e religião, noções de família, mulher, gênero e questões de sexualidade (Almeida, 2019). Quanto ao tema *aborto*, projetos de lei contrários a essa pauta – que diverge da visão cristã conservadora – bateram recordes³. Os modos de subjetivação que compõem as minorias são o alvo desses discursos que flertam com o neofascismo (Piovezani; Gentili, 2020), na medida em que há a construção de uma narrativa na qual esses grupos considerados minoritários representam um mal a ser eliminado em nome dos princípios cristãos e da integridade pública. Para Armstrong (2001), os fundamentalistas elaboram um plano de ação na luta para ressacralizar o mundo. Trava-se, então, uma guerra escatológica em meio à atuação política, fazendo uso de um discurso muni-do do irredutível religioso, para delimitar qual a conduta social adequada.

Observamos nesses acontecimentos a movimentação de estratégias discursivas que visam impor aquilo que, com base numa instituição da verdade, seria o ideal para a sociedade – isso,

3. Nessa matéria sobre a questão estão reunidos dados estatísticos quanto ao crescimento de projetos antia-borto: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/14/projetos-de-lei-aborto-camara-dos-deputados.htm>>. Acesso: 17 out. 2022.

Foucault (2011) coloca como sendo um *regime de verdade*. Nesse sentido, o discurso fundamentalista toma como ferramenta para mobilização de massas, de ideias radicais e excludentes, o campo de atuação política. Como afirma Ferreira (2020, p. 61):

Para que esse posicionamento seja legítimo, é construída toda uma performance em torno da maneira como o debate será travado. Os atores religiosos passam a se apropriar de toda uma série de recursos próprios do ambiente político, na qual códigos, linguagens e toda uma gramática performática são construídos e acionados para defender juridicamente uma concepção religiosa, através de uma roupagem política.

Considerando esse contexto, com vistas a lançar um olhar sobre a articulação religião-política na atualidade brasileira, este trabalho objetiva analisar as condições de possibilidade de emergência do discurso fundamentalista cristão no Governo Bolsonaro materializado no *Twitter*, no período de 2018 a 2022. Fundamentados nos Estudos Discursivos Foucaultianos, mobilizaremos como lente teórico-metodológica, o que se concebe por arqueogenealogia. Para tanto, dialogamos com as teses de Nietzsche (2009) e Sloterdijk (2019), mobilizando categorias como regimes de verdade, ressentimento e ideal ascético.

Como dimensão transversal ao nosso *corpus* de análise, constata-se a percepção de que está em curso a instituição de uma política de segregação e exclusão num processo de criação de um campo de batalha que “oferta” a defesa e ataque a determinados valores morais no domínio social. Com efeito, instauram-se o pânico moral e acontecimentos radicais, que trazem consigo consequências perturbadoras à democracia (Rocha, 2021). *Fundamentalismo* é um termo que tem sido mobilizado com frequência no debate público. É certo que o termo remete a casos fundantes, cuja conceituação está diretamente ligada a agentes e conjuntura sócio-históricas bem específicos. No entanto, o emprego desse termo não se limita aos eventos originários e permeia os diversos contextos sociais na atualidade. Nesse sentido, as emergências históricas

do uso do termo, permitem-nos colocar, em função de análise do presente, as condições de possibilidade de irrupção de sua utilização, não em referência à sua origem, mas em relação ao que com ele se articula e se ressignifica, reverbera, e, embora dispersas, faz-se possível encontrar nelas regularidades.

2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ARQUEOGENEALOGIA

Nos próximos tópicos, empreitaremos uma arqueogenealogia do discurso fundamentalista e, na medida em que nos debruçamos sobre suas descontinuidades, dispersões e caracterização de um modo geral, trataremos de fazer um movimento de afunilamento para as questões que concernem à proposta da nossa pesquisa: a emergência do discurso fundamentalista na conjuntura da atualidade brasileira, com vistas a analisar essa produção discursiva no atravessamento que constitui a relação política-religião, suas dispersões e exercício do poder nas esferas sociais e condução do Governo Bolsonaro. Posto que tanto o campo político quanto o religioso oferecem uma gama de relações demasiadamente complexas, nosso objetivo aqui é lançar luz sobre o cenário nacional e procurar entender o que há de fundamentalismo na racionalidade política da extrema direita bolsonarista na relação saber-poder, na nossa atualidade.

A arqueogenealogia foucaultiana busca compreender quais as regras de produção a que um grupo de enunciados obedece e a forma em que este grupo torna uma cadeia de acontecimentos em objeto do discurso (Foucault, 2017). Isso implica dizer que o discurso é uma articulação de enunciados⁴, regida por condições específicas de possibilidade, que versa sobre acontecimentos e constrói saberes. Nesse sentido a arqueogenealogia quer compreender a circunstância em que um determinado saber se fez necessário num dado contexto histórico. Foucault (2017) usa a metáfora da arqueologia justamente porque um arqueólogo delimita as condições, o campo de possibilidades em que um objeto pode emergir. Nesse sentido, o que diz respeito à

4. O enunciado é o elemento fundamental e constituinte do discurso, uma vez que, para Foucault (2017), o discurso é constituído por um conjunto de enunciados que possuam uma relação uns com os outros.

5. Para Foucault (2017, p. 157), o domínio dos enunciados é articulado segundo *a priori* históricos, caracterizado por diferentes positivities e escandido por formações discursivas distintas. É preciso compreender, “na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos”. A todos esses sistemas que regem o enunciado Foucault dá o nome de *arquivo*.

nossa investigação, buscaremos demarcar essas regras de funcionamento às quais os discursos fundamentalistas obedecem, com base nos acontecimentos sócio-históricos que permitem seu surgimento e, da mesma forma, compreender que tipos de saberes e práticas são produzidos nos enunciados em recorte no nosso arquivo⁵.

Desse modo, não queremos analisar a forma ou estrutura dos discursos, queremos compreender as condições que possibilitam sua aparição. Para a delimitação desse campo de possibilidades, faz-se necessário situá-lo em sua instância histórica, no instante de sua irrupção dentro de determinadas relações de poder (Foucault, 2021). A arqueologia busca compreender a forma específica em que um discurso é produzido em uma determinada época – isto para se abdicar da ideia de saberes/verdades universais e colocá-los como produção histórica: as palavras mudam de natureza, os sentidos possuem sua própria condição de aparição histórica nada linear (Foucault, 2017). A genealogia, por sua vez, toma essa noção de descontinuidade para desconstruir o caráter de “origem” das coisas, dos essencialismos, que fixam meios para exercícios de poder (Foucault, 2021). Portanto, trataremos o fundamentalismo, não como um discurso, movimento ou categoria analítica que foi estabelecido de forma progressiva e contínua na história, mas devemos pensá-lo, com suas transformações, as rupturas com esses ou aqueles determinados saberes, seu modo de funcionamento e, com isso, as produções históricas que possibilitam acontecimentos singulares na nossa atualidade.

3. A GUERRA ENTRE FORÇAS DO BEM E DO MAL

O uso do termo *fundamentalismo* tem sido comumente associada a discursos com entonações islamofóbicas desde o acontecimento de *11 de setembro*. Contudo, seu berço é no cristianismo. Segundo Armstrong (2001), os primeiros a ressignificá-lo foram os protestantes estadunidenses que começaram a denominar-se fundamentalistas para demarcar divergência com protestantes

liberais, visto que, no seu discurso, estes distorciam a doutrina cristã. Esse discurso foi difundido, inicialmente, a partir de uma publicação intitulada *The fundamentalists: A Testimony to Truth*. O objetivo era designar o *fundamental* do cristianismo, a partir de uma interpretação literal do texto sagrado e estabelecê-la como a base da fé cristã: A infalibilidade das verdades dispostas nas escrituras – em oposição à autoridade do discurso científico, histórico ou filosófico –, a criação *ex nihilo* por Deus, veracidade dos milagres, crucificação e ressurreição para remissão dos pecados, seu retorno iminente para julgar e governar o mundo. O movimento se voltava particularmente, em oposição às teorias evolucionistas e o seu ensino nas escolas (Santos, 2014). Para estes protestantes, ser fundamentalista não era insulto.

Emprega-se, nesse sentido, o termo *fundamentalismo* em relação a movimentos religiosos que têm o caráter reformador. O que não é satisfatório, visto que é generalizante. O significativo *fundamentalismo* encontra sua reverberação e se dispersa de acordo com cada conjuntura em que emerge. Isso implica a necessidade de um exame na especificidade da mobilização do termo nas várias maneiras em que é empregado. Como fenômeno moderno, o termo *fundamentalismo* “[...] é associado uma *reação antiliberal, violenta ou antagonística*, a uma tentativa *integrista* de reconquistar o controle da vida social contra os avanços da biopolítica, da equalização de condições e da pluralização social” (Burity, 2018, p. 43).

Armstrong (2001, p. 7) classifica como “formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião [...] como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal”. Com isso, os fundamentalistas não veem esse confronto como uma batalha política convencional, mas trata-se de uma reação àquilo que, segundo seu discurso, oferece risco às suas crenças e valores morais. Estão, portanto, temerosos por serem aniquilados, buscam fortalecer sua identidade

através do “resgate” de determinadas doutrinas e práticas do passado. Esse discurso de batalha espiritual está sempre presente no discurso do bolsonarismo. É o caso da postagem da deputada Carla Zambelli (PL):

Figura 1 - Postagem da deputada Zambelli, 2021

Fonte - <<https://muitainformacao.com.br/post/43505-zambelli-com-para-disputa-entre-bolsonaro-e-lula-a-luta-de-jesus-contra-o-diabo>>. Acesso: 10 jan. 2021.



A luta do bem contra o mal nunca ficou tão evidente!

#BolsonaroPresidenteAte2026



A postagem de Zambelli mostra uma produção antagônica das figuras de Bolsonaro e Lula. Por um lado, Lula, o representante da esquerda segura a mão do diabo, criando a ideia de que este é seu guia e portanto, o país será guiado pelo diabo caso Lula vença as eleições. Nota-se que ele está sozinho com seu guia e, logo abaixo, à esquerda, há o símbolo do comunismo. O fogo do inferno na imagem representado é também o vermelho da bandeira comunista. Por outro

lado, Bolsonaro é guiado por Jesus, estão lado a lado, seguidos por uma multidão – o povo está com ele – e por entidades divinas logo acima. Mais abaixo, à direita, está a bandeira nacional a qual o bolsonarismo tomou para si como símbolo de patriotismo. Sua postagem convida os seus seguidores a fazer uma escolha, uma escolha na luta entre o bem e o mal. Esse discurso de batalhas cósmicas sendo travadas no meio social foi demasiado recorrente nas campanhas de 2018 e de 2022. A crise se instaurava entre o Governo Bolsonaro e a ameaça aos valores cristãos por parte da esquerda, que também ameaçavam, em seu discurso, a sociedade brasileira.

O protestantismo norte-americano, durante a Grande Guerra, apavorou-se e tornou-se fundamentalista (Chauí, 2006). Eles consideraram qualquer conflito que emergisse como um prenúncio apocalíptico: a matança em grande escala só poderia ser anúncio do fim dos tempos (Armstrong, 2001). Havia conferências sobre as profecias bíblicas do livro de Apocalipse, tudo indicava que as previsões estavam se concretizando. Com a Revolução Bolchevique que fez do comunismo ateu uma ideologia do Estado, era o Império Romano revivido que traria o governo do anticristo. Observando esses acontecimentos, os protestantes adquiriam consciência política e agora a batalha era pelo futuro das civilizações, eles se imaginam na linha de frente combatendo as forças diabólicas. Nisso, encontramos uma regularidade com o anticomunismo⁶ na formação discursiva⁷ do fundamentalismo no bolsonarismo.



6. Segundo Rocha (2021, p. 51), o anticomunismo é uma regularidade no discurso bolsonarista: “ataca-se o comunismo, denuncia-se a doutrinação nas escolas, alveja-se o feminismo, anuncia-se o caos com a eventual legalização da maconha, celebra-se o empreendedorismo, defende-se a força policial, nega-se o conflito de classes, alveja-se Paulo Freire: uma enciclopédia do reacionarismo que chegou ao poder em 2018”.

7. Para Foucault (2017, p. 47), “no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*”.

Figura 2 - Postagem de Bolsonaro em seu perfil pessoal, 2019

Fonte - <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1105065879555985409>>. Acesso: 25 set. 2022.

8. Tweet completo: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1105065879555985409>>. Acesso em: 25 set. 2022.

No enunciado podemos perceber essa movimentação discursiva, na qual Bolsonaro faz menção ao seu discurso de que há uma doutrina ideológica de esquerda que enaltece o socialismo no “ambiente acadêmico”, e que este prioriza “a conquista de militantes políticos”⁸. Em seguida aponta que uma das prioridades do seu governo será “quebrar o ciclo da massa hipnotizada”. Para isso, reforça que o mal, isto é, a “ideologia de esquerda”, o Governo PT, representava a maldade que se organizava para destruir o país. Portanto, segundo seu discurso, faz-se necessário trazer o Brasil de volta aos tempos em que o socialismo não era enaltecido. Ora, o discurso fundamentalista evoca uma relação constituída pelo absoluto, porque se imaginam portadores da verdade irreduzível. Essa relação produz o conflito em detrimento do diálogo e da multiplicidade, construindo a figura do Outro como um agente do mal. A eles é atribuída a depravação, a ignorância e são tidos como o Mal e o Falso. Nesse sentido, a política cede lugar à violência discursivizada como purificação social, os políticos aos agentes/intérpretes da vontade/verdade divina.

4. DA MORTE DE DEUS AO RESSENTIMENTO RELIGIOSO

O fundamentalismo, como vimos, caracteriza-se como um movimento reacionário aos movimentos de transição do pensamento humano que passa, pouco a pouco, da rigidez da fé, da universalização das ideias, assim como da segurança inquestionável sobre a verdade das coisas, para as transformações e rupturas que seguem desde a emergência do Iluminismo na Europa e, posteriormente, em todo o Ocidente. Percebeu-se que o mundo não era governado por leis fundamentalmente irreduzíveis. Havia a possibilidade de criação, de modificação da forma como vemos as coisas. Viram diante de si uma série de invenções e desenvolvimentos, como na medicina, a racionalização da agricultura e dos modos de governar, que conseqüentemente trouxeram consigo mudanças quanto à visão social: noções sobre o homem, sua relação com a natureza e reflexões sobre a verdade.

Toda essa inversão, daquilo que antes se acreditava, ocasiona demasiada comoção na base das tradições religiosas, provoca vertigens que miram o abismo da insegurança, na medida em que se coloca sob questionamento a interferência de forças divinas na vida daqueles que acreditam. Eventos acionados, por exemplo, por Galileu (1564-1642) e seu geocentrismo, Newton (1643-1727) e sua *Philosophie Naturalis Principia*; Descartes (1596-1650) com o *cogito ergo sum*, inserindo os moldes da filosofia moderna; como Kant (1724-184) inaugurando o Racionalismo; Locke (1632-1704) pensando o liberalismo, o empirismo, apostava na separação da igreja e Estado; além dos eventos da revolução industrial que viabilizaram o desenvolvimento urbano e tecnológico. O efeito que resulta de todos esses acontecimentos provocou o que Nietzsche (1844-1900) caracterizou de *morte de Deus*.

A noção de *morte de Deus* é uma das características mais importantes da modernidade no que diz respeito às ciências. Essa expressão aparece na filosofia de Nietzsche no fim do século XIX. Deus, aquele que outrora foi a resposta para as grandes angústias da humanidade, agora, não nos serve para tal propósito. Para Nietzsche (2012) essa forma de interagir e pensar com o mundo, intensifica-se com o surgimento do cristianismo. A fé cristã trouxe consigo a ideia de um Deus infinito e incontestável e irreduzível: era somente através deste Deus que se chegaria a uma verdade. Ao diagnosticar a morte de Deus, Nietzsche quis apontar para o fato de que o próprio pensamento moderno, o racionalismo, ao afirmar que é tão somente através razão que se pode revelar a verdade, determina que não haveria mais necessidade de Deus. Contudo, se Deus está morto, como há tanta pressão religiosa no mundo contemporâneo? O próprio Nietzsche pode nos responder: “Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada” (Nietzsche, 2012, p. 138).

Todas essas implicações provocam uma forte pressão nos símbolos religiosos e consequentemente, na vida social de cada indivíduo. Com efeito, criam-se os espaços de discussão e de emergência de embates discursivos que se reverberam, ascendentemente, dispersando-se em todas as fronteiras impostas pela modernidade, ao ponto de gerar campos de batalha violentos. Ao se interditar a presença religiosa na produção e estabelecimento dos discursos e saberes que compõem as noções pelas quais se tomam decisões quanto ao agir político e público, o que resta é o *ressentimento*. Os discursos de cientificidade rompem com o apelo ao divino para se dizer o que é certo ou errado, o que é bom ou ruim para a sociedade e, com isso, a hegemonia religiosa perde validade.

O ressentimento, segundo Nietzsche (2009), é uma das condições mais perigosas ao homem. Essa condição parece ser recorrente na modernidade. A moral do ressentido nasce da incapacidade de encontrar saídas outras para sua condição de paralisia. Em sua incapacidade de agir, o tipo ressentido tende a se tornar cada vez mais incapacitado e em sua busca frustrada por afirmação de si, recorre a táticas desesperadas, tomando atitudes excêntricas em busca de descarregar de uma vez todas as suas energias. Inertes pelas forças interiores e exteriores, a mágoa, a raiva, o ódio e a ira tomam consciência e a dor contamina o ressentimento (Nietzsche, 2009). O ressentido, em sua incapacidade de esquecer aqueles que o ofenderam, não supera a dor e persiste a sede de vingança.

A questão que gostaríamos de desenvolver postas essas explicações é a relação do ressentimento com o fundamentalismo. O fundamentalismo cristão ocidental preocupa-se com a crise de fé e a perda da validade de seus princípios: nos EUA diversos movimentos “tornam-se grupos de pressão fazendo campanha por toda uma gama de questões de políticas públicas como o aborto, a homossexualidade, o ensino da teoria da evolução nas escolas, a ameaça do

‘secularismo humanista’ (Santos, 2014, p. 65). O argumento principal é de que a modernidade *traiu* a moral cristã. Para Nietzsche (2009), o cristianismo potencializa a *paralisia* e, portanto, dá condições de emergência ao ressentimento.

Se voltar-se para um outro mundo, oposto e exterior, para então atuar com absolutismo, é um elemento próprio do ressentimento, o cristianismo se vale dessa cosmovisão em sua própria condição em pelo menos duas perspectivas: enquanto a valoração de atitudes constitui uma conduta adequada pelo discurso moral cristão e represália de forças e de potência em negação deste mundo em detrimento do além, ao mesmo tempo, cria-se a reação a tudo o que pertence a esse mundo. Trata-se de um dizer Sim ao plano sobrenatural e um dizer Não ao plano terreno. Nega-se este mundo, portanto, tudo o que vem dele é ofensivo, profano.



Figura 3 - Postagem do pastor Marco Feliciano, 2019

Fonte - <<https://twitter.com/marcofeliciano/status/1202227523993718784>>. Acesso em: 17 set. 2022.

O ponto mais alto do ressentimento são os ideais ascéticos (Nietzsche, 2009). O acabamento é realizado pelo sacerdote ascético. Os ideais ascéticos são aquela racionalidade que coloca a vida contra ela mesma em busca de dominação da vida em si. Padres, pastores reverberam essas práticas. O sacerdote ascético consiste em aproveitar-se de todo sentimento de culpa para tornar os doentes inofensivos, em seu discurso, ele administra os remédios para que o homem

da modernidade possa suportar sua dor. Na figura 3 o pastor Marco Feliciano materializa esse ressentimento do sacerdote ao atacar formas de existência, de conduta e de pensamento que se opõem aos valores ascéticos do cristianismo. Para ele, essas subjetivações são, pela esquerda, a própria “encarnação do mal”. Para isso, distorce realidades, cria a ideia de que há embates aos seus valores, ao passo que aponta a si mesmo e seus pares como defensores da sociedade (leia-se *sociedade cristã*).

Na década de 2010, os evangélicos tiveram considerável sucesso com o declínio da influência do Governo PT no debate das questões públicas, pontua Pleyers (2020). O pastor Marco Feliciano, em 2013, foi nomeado para a Comissão dos Direitos Humanos e Minorias na Câmara dos Deputados. A eliminação da cartilha anti-homofobia⁹ das escolas pela pressão dos deputados evangélicos em 2011 foi outra das suas vitórias – resposta à “ideologia de gênero”, como se referem de costume. Nisso, os evangélicos operam, não somente de forma reativa, mas também graças ao caráter conservador ativo, destinado a definir suas pretensões com base legal (Almeida, 2018).

Tais ideais na modernidade, quando são exauridos do domínio hegemônico social, buscam agonisticamente, não apenas se manter vivos, mas exigem sua posse novamente e, para isso, reconfiguram-se, por outros meios, se inscrevem na criação de lutas, com vista a alcançar a posse da verdade. Da verdade que o faz se manter vivo, a verdade que faz manter as tradições ocidentais vivas. Tradições essas que se traduzem na expressão cristã dos valores, do comportamento civil, das racionalidades que operam a vida em sociedade e a própria noção de mundo. É nesse campo incrivelmente vasto que se situa o ressentimento religioso – e também político. A modernidade constrói o palco para a ira fundamentalista. O ideal ascético percebeu que as verdades hora tidas como imortais, são passíveis de morte e isso fez com que o desejo pela sua permanência gerasse ressentimento: inicia-se a busca por vingança.

9. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/215309-pres-sao-de-bancadas-faz-governo-cancelar-kit-sobre-homossexualidade/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

Na sociedade alicerçada pelas concepções de existência do cristianismo, as revelações divinas, as quais os mortais em posse da escritura sagrada, circunscrevem-se como visão de mundo. Percebe-se, assim, que é necessário ter pressa e uma pressa que anseia antecipar, pela impaciência da fé e na busca pela eternidade, a emergência do fim no agora. Os ativistas religiosos do ressentimento e da vingança encontram na revelação do fim uma verdade, a qual devem defender para reafirmar-se. “Aquele que aceita esse tipo de mensagens como verdades pode convencer a si mesmo de que está participando antecipadamente da grande visão a partir do fim” (Sloterdijk, 2019, p. 10). Isto é, ao se dar conta de que há um fim aqui mesmo para as coisas últimas, só resta investir na antecipação da vida eterna. Nessa ansiosa agonística, graças ao ideal ascético, a transcendência não permaneceu, a palavra santa não permaneceu completamente vazia e Deus continua permeando os espaços neste mundo. É nesse sentido que, a doutrina cristã, pretende proteger o flanco aberto de Deus para o futuro – o desejo de conversão do mundo, com o Iluminismo, fracassou, e é por isso que o mundo moderno se firmou. Agora cabe à modernidade lidar com aquele que foi lançado na rejeição e que agora anseia pela eternidade de suas verdades aqui mesmo: o ressentido.

De acordo com Sloterdijk (2019) a teologia cristã mais recente, sobretudo a teologia protestante, se converteu à abertura do futuro da modernidade e taciturnamente reconfigurou as suas narrativas cósmicas. Ora, é o discurso de que Deus está morto aqui no mundo, mas continua a observar: em seu estado de morte, Deus deduz reivindicações aos vivos. Nestes se condensa o ressentimento e o laço entre aqui e o além-mundo se dá pela culpa. O mal-estar do ressentido na modernidade não provém apenas da renúncia, “provém antes do peso imposto pelo olhar hostil” (Sloterdijk, 2019, p. 36) do secularismo. Cria-se um sistema de carência recíproca: Deus depende do homem e, este, por sua vez acredita depender de Deus.

Figura 4 - Postagem de Damares Alves, 2022

Fonte - <<https://twitter.com/damaresalves/status/1551288038231314432?lang=en>>. Acesso em: 17 jan. 2023



10. “Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar inosso, com que salgaremos? Ele não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte” (Mt, 15:13-14).

Damares materializa esse discurso em uma postagem, na qual coloca a missão em que os filhos de Deus têm de se levantar como a luz do mundo, como o sal da terra, fazendo uma referência a Mateus 5:13-14¹⁰ no qual Jesus pede que se faça o bem para que sua luz brilhe diante dos homens. É a memória do chamado do próprio Jesus que está sendo evocada para fazer o bem. O termo *levantar* implica um sentido de imposição ante a alguma coisa. Na sequência, o enunciador dá sentido à publicação, ao falar da eleição em curso e de sua importância – a nível global. O que quer ser dito é que os “filhos de Deus” têm de se levantar na guerra do bem contra o mal. O bem, visto seu posicionamento político, é sua empreitada política contra as forças do mal. O alvo desse sentido de mal, pode ser encontrado na *hashtag* logo abaixo do texto *#ComunismoNuncaMais*. Além disso, pela *hashtag* seguinte, aponta que esses filhos obedientes à palavra de Deus estão se levantando, *#PeloBemDoBrasil*. Fazer o bem, nesse sentido, é se levantar contra o comunismo. Essa vontade de fazer o bem pelo país é também enfatizada

pelo uso da bandeira no ombro da ex-Primeira Dama, que, segundo Damares, abençoa a nação. Mais uma vez, o discurso bolsonarista se produz em defesa da sociedade e do bem. Para Weber (2013, p. 138)

O mundo existe para servir à glorificação de Deus e a esse propósito somente. O cristão eleito está no mundo apenas para aumentar a glória de Deus pelo cumprimento dos Seus mandamentos, no melhor de sua capacidade. Mas Deus requer realizações sociais do cristão porque Ele deseja que a vida social deva ser organizada de acordo com os seus mandamentos, e de acordo com aquele propósito.

Portanto, a atividade do cristão no mundo é, não só a de reafirmar sua glória, mas de buscar os meios pelas quais se pode transformar a sociedade com base nos mandamentos divinos. Na modernidade, no mundo criado por Deus, não existe mais um *fora*, um além-mundo: a batalha apocalíptica descrita nos textos e tão ansiada não pode mais esperar, o fim deve acontecer agora, no discurso cristão, ele já está acontecendo. É preciso preparar-se, é necessário convocar os exércitos e montar o fronte. O diabo – o secularismo – domina e conquista cada vez mais terreno; e os soldados precisam recuperá-lo. Deus está morto e é preciso ressuscitá-lo, é preciso agir em seu nome. O ideal ascético é seu *modus operandi*; o ressentimento é o combustível de seus tanques: é preciso vingar-se. Dito de outro modo: as práticas radicais que emergem das sombras do Deus morto, ocasionadas pela modernidade, têm como efeito, uma forte onda de reações em vários níveis e em diversas esferas sociais. Em decorrência disto, o discurso religioso, tomado pelo ressentimento coletivo que a historicidade inscreve no sentimento dos fiéis contemporâneos, impôs a fatalidade do seu fim e, esse fim, foi interpretado com o crepúsculo de seu Deus e de seus ídolos. A rejeição da vida mortal apressa a vinda da vida eterna; a única alternativa é a reação, é reagir. O testemunho de si próprio como verdade divina possibilita o choque do irreduzível. Esse é o berço do fundamentalismo.

5. FUNDAMENTALISMOS À BRASILEIRA

O crescimento veloz da igreja evangélica que dispersa a hegemonia católica é bastante notável no Brasil. De acordo com o IBGE¹¹ em 1980 o catolicismo se constituía de 89% da população brasileira. Desse momento até o último censo, em 2016, o número despencou: as vertentes pentecostais e neopentecostais agregaram números consideráveis, somando 22% de toda a população brasileira. A estimativa é de que superem os católicos nas próximas décadas. Dentro desse contexto expansivo de evangélicos, o Brasil vem passando por processos, que no campo político da nova república, têm ocasionado perdas de conquistas de direitos que acabam por consolidar forças – que agem pelo fundamento da moral cristã – que se esforçam para conter, restringir e fazer retroceder direitos garantidos pela constituição. Almeida (2017) denomina esses processos de *Ondas Conservadoras*. Nelas, cria-se uma linha de força e (contra)ataque na disputa pela moralidade social, na qual os discursos mais recorrentes dos religiosos conservadores radicalistas produzem a ideia de que se faz necessário uma contenção dos avanços seculares na conduta e nos valores morais que se colocam antagonicamente à sacralização da família e reprodução da vida.

Segundo Pleyers (2020) o espaço deixado pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), interrompidas pelo movimento progressista católico, deixou um cenário propício para o avanço do neopentecostalismo. As CEBs tinham uma função fundamental na inscrição do cristianismo dentro das lutas políticas e no engajamento social, com o que ficou conhecido como *cristianismo da libertação*. Em todo caso, ao inserir a fé e doutrina cristã dentro desses movimentos, pouco a pouco, o lar das famílias e a vida de cada indivíduo foram introduzidas ao evangelho. Voltando-se para as práticas de libertação à luz do cristianismo, o que se via em tais movimentos eram práticas de militância religiosas. No entanto, toda essa conjuntura muda com

11. Disponível em: <http://www.pesquisas.org.br/wpcontent/uploads/2017/08/perfil_e_opinio_dos_evangelicos_no_brasil.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

uma transformação geral que aconteceu no Vaticano: a ocupação de cargos importantes de líderes conservadores na igreja. Com essas mudanças, a igreja católica passou a perder espaço em diversos setores sociais, tais como em favelas e subúrbios (Almeida, 2017). Foi então que o neopentecostalismo plantou suas sementes e passou a ocupar os espaços deixados. Nessas localidades, as igrejas neopentecostais assumiram – ou outorgaram a si mesmas – a missão de educar a população das favelas, que acabaram por se tornar pequenas incubadoras de militantes conservadores, cuja visão religiosa os levava a defender as questões concernentes à moral pública e, em particular, a moral associada à sexualidade, como o aborto, casamento, homossexualidade.

No Brasil, o fundamentalismo cristão adotou algumas singularidades, embora se possa associá-lo aos princípios gerais do fundamentalismo mundial, ou mesmo do fundamentalismo estadunidense, que é de onde os evangélicos brasileiros absorvem os ideais e discursos moralistas (Pleyers, 2020). Aqui, o apelo pentecostal, por exemplo, não se dá, *grosso modo*, como proposta para adesão a confissões públicas de doutrinas específicas, mas pela promessa cumprida de fortalecimento de vínculos com a comunidade e afirmação de sua dignidade e seu reconhecimento por parte do Estado, seu discurso busca a legitimação de suas práticas de fé (Burity, 2018). A projeção política tem por efeito a construção de uma voz autônoma que rendeu frutos palpáveis, alcançando um ponto de inflexão no Governo Dilma, no qual esse segmento evangélico se tornou uma frente de coalizão em relação a temas de ordem moral. Nesse sentido, a inserção de evangélicos, sobretudo pentecostais, na política institucional não deve ser compreendida apenas como efeito demográfico, há um impulso significativo em direção ao ativismo político com predominância conservadora (Almeida, 2018).

Figura 5 - Postagem de Clarissa Tércio, 2022

Fonte - <<https://twitter.com/clarissatercio>?lang=en>. Acesso em: 17 jan. 2023



Para compreendermos a relação entre a igreja e a política é necessário que se leve em consideração alguns pontos: nem todos os evangélicos são conservadores, católicos e evangélicos históricos praticantes da Teologia da libertação não compactuam das ideias mais conservadoras do evangelismo, por exemplo, mas o fundamentalista se diz conservador; há uma disputa na orientação social acerca das condutas morais; outro caso é a heterogeneidade quanto à noção de política – enquanto alguns querem a participação e chegam mesmo a votar somente em cristãos, outros veem a política como algo mundano, negando então o exercício político (Pleyers, 2020). Na figura 5 vemos a postagem da deputada federal Clarissa Tércio¹²(PP)¹³, na qual afirma que os seus valores são inegociáveis, que representa e defende a direita conservadora. Na imagem, há o pedido para que se vote não em deputados cristãos, mas “apenas em deputados terrivelmente cristãos”. Nesse sentido, faz uma menção direta ao conservadorismo e, ao passo que aponta seus princípios como inegociáveis e por ser cristã, oferta-se como esse sujeito terrivelmente cristão, visto que se trata de uma panfletagem de sua campanha.

12. Eleita em 2018 no Estado de Pernambuco e mais uma vez candidata para as eleições de 2022.

13. O Partido Progressistas, de centro-direita, resulta de uma fusão entre grupos que eram ligados com a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o partido governista da ditadura militar brasileira.

O discurso do *terrivelmente cristão* é uma estratégia que se dá justamente por ser baseado na verdade irreduzível do fundamentalismo cristão que tem a bíblia como fundamento moral para o conservadorismo, o qual é utilizado para petição de votos na missão de tornar o país numa nação, tais quais seus valores, *terrivelmente cristã*. Terrivelmente cristão, nesse caso, é o cristão que não negocia seus valores. Vale salientar que, na campanha de 2022, viam-se denúncias de pastores forçando, por meio de punições divinas e medidas disciplinares¹⁴, seus fiéis a votarem em Bolsonaro e a lhe concederem seu apoio político. Por sua vez, empresários ameaçavam com demissão os seus empregados¹⁵. Considerando o domínio associado que o enunciado evoca sobre o uso da expressão, é importante lembrar que em 2019 Bolsonaro afirmou que um dos ministros que ele indicaria para o Supremo Tribunal Federal seria “terrivelmente evangélico”. Ainda salientou que o Estado é laico, mas o povo era cristão e esse espírito deveria estar distribuído em todos os poderes. André Mendonça toma posse desse cargo, apontando ser esse sujeito terrivelmente evangélico. Ele destacou que por ser um “bom calvinista”, o mérito das conquistas não é seu, mas da ideologia do sucesso presente na teologia da prosperidade de movimentos religiosos evangélicos. Em seu discurso, acrescentou: “é uma passo para o homem, mas na história dos evangélicos do Brasil é um salto”¹⁶, apontando o compromisso em representar os ideais do grupo evangélico no STF. Esse discurso passou a ser usado por diversos pastores e políticos nas eleições presidenciais de 2022, reverberando-se e ressignificando-se para o *terrivelmente cristão*, como uma forma de não agregar apenas evangélicos, mas toda a população cristã.

Os pentecostais e neopentecostais protagonizaram o cenário político da América Latina no decorrer das últimas décadas (Pérez Guadalupe, 2019). Pentecostais tinham a missão de evangelizar e batizar o maior número de pessoas possível. Esse movimento ficou conhecido com o batismo pelo espírito santo, que por meio desse falavam a língua dos anjos, representando o dia

14. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209750>>. Acesso em: 19 out, 2022.

15. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/10/14/reuniao-de-empresarios-para-convencer-empregados-a-votar-em-bolsonaro-e-investigada-em-sc.ghtml>>. Acesso em: 14 out. 2022.

16. Disponível em: <<https://setemargens.com/a-promessa-terrivelmente-crista/>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

de pentecostes citado na passagem bíblica. Essa vertente nega a vida no/do mundo, sobretudo, as práticas que destoam da fé cristã. Nisso, os pentecostais, historicamente, têm criticado o comportamento “irresponsável”, criticam o hedonismo e o materialismo dos não evangélicos. “A consequência disso é a visão de um futuro que enfatiza o conflito no mundo, com o propósito de não ser por ele contaminado” (Pérez Guadalupe, 2019, p. 47; tradução nossa).

Os neopentecostais, de outro modo, fazem, até certo ponto, um movimento conciliador com a realidade do mundo. A título de exemplo, eles não negam o consumismo – admitido pela Teologia da Prosperidade –, e podem até mesmo tender a serem mais flexíveis com algumas formas de conduta fora da doutrina da igreja. De toda forma, as duas vertentes acabaram por iniciar uma batalha pela legitimidade, ou credibilidade, da perspectiva de suas interpretações das escrituras.

A nova visão de mundo que emerge com o neopentecostalismo faz uma inversão de valores, agregando a racionalidade neoliberal e afirmando, a partir da teologia da prosperidade, que todo o ganho financeiro significa a benção de Deus. Sloterdijk (2019) chama esse processo de *americanização da fé*. O reconstrucionismo feito no neopentecostalismo, que se inicia com evangelismo norte-americano na década de 1970, “tem como alvo se inserir na esfera política para incorporar uma demanda de cidadãos na sua agenda religiosa, mas parte da lógica de ganhar poder” (Pérez Guadalupe, 2019, p. 49). Portanto, a reconstrução dos ideais e das interpretações totalmente novas dos textos sagrados, almejam tanto a ampliação de agregação de fiéis quanto à representação no poder político, no poder social. Há, nesse sentido, um caráter utilitarista à hegemonia da racionalidade do neoliberalismo.



Figura 6 - Postagem de Carlos Bolsonaro, 2020

Fonte - <<https://mobile.twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1231194650553311232>>. Acesso em: 22 out. 2022.

No enunciado representado na figura 6, Carlos Bolsonaro mostra seu ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, que foi escolhido por indicar parelramento com o Governo bolsonarista e se mostrar contra a doutrinação marxista na educação básica e nas universidades federais. Para Weintraub, o país gastava demais com educação e tem indicadores educacionais de um país pobre e, por isso, começou uma série de cortes de investimento na educação¹⁷ com a ideia de um modelo de bolsas com base na meritocracia, conforme materializado na postagem. Essa ideia econômica neoliberal torna-se uma ferramenta na batalha contra a esquerda em vigor no país anteriormente: eles “celebram o esforço e o mérito individuais, e opõem-se, por exemplo, a políticas públicas e sociais de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família dos governos Lula e Dilma” (Almeida, 2017, p. 13).

E é nesse ponto que a Teologia da Prosperidade se mostra extremamente relevante para o discurso político, na medida em que esta se baseia em um ideal meritocrático, em detrimento de políticas públicas como o Bolsa Família. Pode-se, por exemplo, desmerecer todo o benefício

17. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/weintraub-admite-ser-corte-r-926-milhoes-do-orcamento-da-educacao-remanejados-para-pagar-emendas.shtml>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

social que projetos como esse podem oferecer. Ora, se a condição financeira reflete as bênçãos divinas, o Estado, com a implantação deste tipo de projeto, só estaria exibindo a incapacidade de aproximar-se de Deus. Seria então apenas pelo trabalho, com o esforço individual, que se pode garantir sucesso financeiro e, conseqüentemente, espiritual. O sentido desse discurso é de menos Estado na distribuição dos benefícios e mais atitudes de empreendedorismo:

Se, no nível individual, o discurso religioso procura gerar disposição para o empreendedorismo, no plano da política institucional, muitos agentes políticos evangélicos militam declaradamente por uma agenda liberal [...]. Terras e almas são bens em disputa que articulam diferentes atores do Congresso Nacional (Almeida, 2018, p. 181).

A teologia da Prosperidade é uma maneira de legitimar, pelo discurso religioso, a economia capitalista e as desigualdades sociais que resultam daí. “Partindo do pressuposto de que Deus quer que o ser humano seja próspero, considera que este é incapaz de o ser por si próprio, sendo Deus o princípio legitimador da riqueza e do enriquecimento” (Santos, 2014, p. 68). Contudo, parece-nos que o foco principal é a conduta moral, a conduta social. E aqui não se trata de disputar a preferência social sobre essa ou aquela pauta moral: “diz respeito a institucionalizar essas pautas e adequá-las à legislação pelo poder político” (Almeida, 2017, p. 18). Foi desse modo, que, por exemplo, o ECA¹⁸ se tornou motivo de disputa ideológica na agenda da Bancada Evangélica, na tentativa de incluir o feto no direito à vida. A negação do aborto, o Estatuto da Família, deu-se em relação à normatização do casal hétero ao passo que se objetivava a revogação da proibição do tratamento da homossexualidade como doença e se visava uma cura para a homossexualidade.

18. Estatuto da Criança e do Adolescente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em concordância com o objetivo desse artigo, analisamos as condições de possibilidade de emergência do discurso fundamentalista no Governo Bolsonaro materializadas em publicações no *Twitter* no período de 2018 a 2022. Para tanto, mobilizamos uma arqueogenealogia da racionalidade fundamentalista que mostrou que a hegemonia do religioso no exercício de poder político havia perdido espaço e relevância nas decisões sociais com o nascimento da modernidade e isso limitou os cristãos às suas igrejas, ocasionando ressentimento. O ressentimento gera o desejo de vingança, a universalidade da sua vontade de verdade pede que esse desejo seja posto em prática.

O prenúncio do fim dos tempos e a ameaça do mal fazem com que os cristãos mais fervorosos se apressem quanto à volta do seu Deus. Deus precisa voltar no momento da crise que se instaura. Ele pede que seu exército aja agora: a guerra deve começar. Esses acontecimentos, de forma mais geral, deram condições de aparição ao militante radical religioso político, no nosso caso, o fundamentalista político. As intenções desse grupo de indivíduos inscrevem, na conjuntura social da atualidade, a vontade de retorno da hegemonia cristã na condução de decisões políticas e na conduta social.

Na caracterização dos discursos fundamentalistas nas práticas bolsonaristas em nossas análises, identificamos atitudes reacionárias e radicais quanto ao secularismo. É mobilizada uma transferência de crenças e valores religiosos alicerçados na universalidade da verdade cristã e para confrontos político-sociais estabelecem rejeição, discursos de ódio e exclusão de pautas morais que não se encaixem na norma padronizada pela extrema direita bolsonarista.

Dessa forma, o ataque a grupos minoritários ou condutas consideradas inadequadas é explícito no discurso fundamentalista em curso no Brasil. É construído um ambiente social no qual ocorre uma guerra cósmica entre forças transcendentais: o mal, os inimigos políticos que têm valores conduzidos pelo Diabo, contra os filhos da luz, que se levantam para salvar o país das garras desse inimigo, os bolsonaristas, guiados por Deus. É necessário, pois, que haja representantes políticos que defendam esses valores cristãos, sendo necessária a presença de agentes de Deus na frente de batalha, contra o mal que ameaça. Assim, deve-se votar em candidatos “terrivelmente cristãos”.

Há, ainda, na atuação do fundamentalismo na política brasileira, a presença de uma racionalidade neoliberal que é atravessada pelo discurso religioso e que materializa a teologia da prosperidade, baseada na meritocracia, na qual toda política pública de relevância social que beneficie os menos favorecidos, será vista como fracasso do Estado. Portanto, a esquerda brasileira é considerada um fracasso, um reduto do mal; esse diabo fracassa nas necessidades econômicas do país e somente pelo mérito é possível se fazer mostrar a presença e o agir de Deus.

REFERÊNCIAS

- Almeida, R. (2017). A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, 50 (1), 1-27.
- _____. (2018). *Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos* (1ª ed). Editora da Unicamp.
- _____. (2019). Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, 38 (1), 185-213.
- Armstrong, K. (2001). *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Companhia das Letras.
- Burity, J. (2018). *A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos* (1ª ed). Editora da Unicamp.
- Chauí, M. (2006). *Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. Filosofia política contemporânea: controvérsias sobre civilização*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Clacso/ Departamento de Ciência Política-USP.
- Ferreira, M. L. (2020). Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: um projeto de poder. *Revista Fim do Mundo*, 1 (1), 46-71.
- Foucault, M. (2011). *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos*. Achiarmé.
- _____. (2017). *Arqueologia do saber* (8ª ed). Forense Universitária.
- _____. (2021). *Microfísica do poder* (11ª ed). Paz e Terra.
- Nietzsche, F. (2009). *Genealogia da moral: uma polêmica* (10ª ed). Companhia das Letras.
- _____. (2012). *A Gaia Ciência* (4ª ed). Companhia das Letras.
- Pérez Guadalupe, J. L. (2019). *Evangelicals and Political Power in Latin America* (1ª ed). National Library of Peru.
- Piovezani, C., & Gentile, E. (2020). *A linguagem fascista* (1ª ed). Hedra.
- Pleyers, G. (2020). A guerra dos deuses no Brasil: da teologia da libertação à eleição de Bolsonaro. *Educação & Sociedade*, 41 (1), 233-566.
- Rocha, J. C. (2021). *Guerra cultural e a retórica do ódio*. Caminhos.

ARTIGO RECEBIDO A
01/05/2023

ARTIGO APROVADO A
20/07/2023

- Santos, B. S. (2014). *Se Deus fosse um activista dos direitos humanos*. Edições Almedina.
- Sloterdijk, P. (2019). *Pós-Deus* (1ª ed). Vozes.
- Weber, M. (2013). *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (15ª ed). Martin Claret.

